

Mesa redonda (MR 35): Sincretismos, africanismos e religiões afro-brasileiras no século XXI

Título: Sincretismo, tradição no tambor de mina: experiências e vivências no terreiro de São Benedito/Justino¹

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre ritual a partir da descrição do tambor de choro, ritual fúnebre do tambor de mina realizado no Terreiro de São Benedito/Justino, casa de mina fundado no século XIX, localizada em São Luís/MA. As teorizações sobre o ritual e seus efeitos dialogam com as relações que se estabelecem nos rituais de uma comunidade religiosa de ancestralidade africana e com o trabalho de campo nesse grupo. Nesse sentido, pretende-se compreender e apreender os elos que ligam o indivíduo e sua subjetivação aos elementos culturais, mantidos e transmitidos numa comunidade religiosa feminina, a partir de ações rituais que acionam os elos entre os vivos e os mortos.

Palavras-chave: ritual, terreiro, tambor de choro, laços sociais.

Mimicry and funeral ritual: the crying drum of Mundica Estrela in Terreiro de São Benedito/Justino

Summary

The present article intends to reflect on ritual and mimicry from the description of the choro drum, funeral ritual of the mine drum, realized in Terreiro de São Benedito/Justino, a mine yard founded in the 19th century, located in São Luís/MA. The theorisations about ritual and its mimesis effects dialogue with the relationships that are established in the rituals of a religious community of African ancestry and with the field work in this group. In this sense, the aim is to understand and capter the links that bind the individual and his subjectivation to the cultural elements, maintained and transmitted in a religious community, from ritual actions that trigger the links between the living and the dead.

Keywords: ritual, mimesis, terreiro, choro drum.

¹ Marilande Martins Abreu: profa. Dra. Departamento de Antropologia e Sociologia - DESOC/UFMA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa religião e cultura popular - GP Mina, membro do Laboratório Vulnerabilidades Sociais – Vulnera. Chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia – DESOC/UFMA.

Introdução

Este artigo tem como propósito descrever o ritual do tambor de choro, rito fúnebre do tambor de mina, a partir da experiência do trabalho de campo no Terreiro de São Benedito/Justino. A escrita etnográfica, decorrente do trabalho de campo e teorizações antropológicas, define-se na possibilidade de transformar em escrita uma realidade cultural na qual a pesquisadora tem, ou teve uma convivência mínima. O percurso do trabalho de campo no Terreiro de São Benedito/Justino, iniciado há mais de dez anos, estabelece laços sociais nesse terreiro.

A estética da casa, com suas paredes verdes e bandeirolas coloridas, a alegria nos dias dos toques, os preparativos que antecedem a festa, os rituais aos quais assisti, participei, e as inúmeras visitas semanais, me tornaram próxima dos membros dessa casa de mina e de suas histórias de vida. A minha experiência de trabalho de campo no Terreiro de São Benedito/Justino se constituiu através de processos de identificação que criam laços e relações. Os dias de festas, as visitas semanais, os rituais, criam um envolvimento com o cotidiano no qual se organizam e se realizam essas práticas culturais transmitidas por mulheres, há mais de um século.

No Terreiro de São Benedito/Justino, fundado em meados do século XIX, existe uma irmandade religiosa de ancestralidade africana, cujos rituais e festividades contribuem na reflexão sobre a transmissão de valores culturais em grupos envolvidos no contexto da diáspora africana. Pode-se afirmar que o ritual do tambor de choro expressa esses efeitos na medida em que aborda a relação entre vida e morte, corpo e espírito, mundo dos encantados e o mundo dos humanos, a partir da africanidade do tambor de mina.

A mina se constitui de rituais nos quais, ao som de tambores, as entidades chamadas voduns, orixás e caboclos descem para dançar, festejar e dialogar com seus filhos e filhas-de-santo, adoradores, etc. Essa estética ritual envolve os mundos dos encantados e o mundo dos vivos, ambos circulam e se encontram nos toques, rituais, festas e na vida cotidiana da comunidade religiosa, que se organiza em torno da chefia feminina e do panteon de entidades cultuadas naquela casa.

O tambor de choro é um ritual de despedida, mas, também, de festa. Nele a pessoa falecida se distancia do mundo material e se torna um ancestral do terreiro. Os objetos rituais da mina são cercados de cuidados e passam por limpezas, uma vez que para adentrar o mundo dos encantados, estes exigem purificação. A preparação de um ritual como o tambor de choro é cercada de cuidados e interdições, como o são também outras

festas e cerimônias da casa. E, principalmente, é marcado por um momento de solidariedade e fortalecimento dos laços na comunidade religiosa na qual se executa essa ação ritual.

Mariza Peirano (2001) propõe que o estudo do ritual não deve se ocupar em definir ou conceitualizar o que diz esse conceito, mas, em compreendê-lo no contexto amplo no qual ele se realiza. Como mostram diversos estudos antropológicos, o ritual se apresenta de diferentes formas, em diferentes contextos e pluralidades. Daí, a proposta dessa autora em considerar a categoria ritual a partir de sua aplicabilidade na realidade cultural na qual ele é inscrito e está sendo descrito.

O tambor de mina, religião de transe, se constitui de diversos rituais e sua transmissão ocorre a partir dos diversos dispositivos, que acionam os efeitos do sagrado em sua simbologia e linguagem cotidiana. Como ritual fúnebre, o tambor de choro está inserido numa série de preceitos, regras e normas que envolvem os iniciados nessa prática religiosa do nascimento até a morte, e tem como objetivo conscientizar o espírito que ele não mais está encarnado enquanto matéria.

No rito, como no mito, a comunidade religiosa atualiza os laços e afetos que movimentam as relações humanas em seus princípios de coletividade. Os rituais são um momento de união e reconhecimento do grupo como membro de uma coletividade. A ideia da despedida e da finitude que rege a força do tambor de choro se apresenta na seriedade e no cuidado com o qual esse ritual é executado.

O saber prático necessário para a execução dessa tarefa fica na responsabilidade de quem assume a chefia e das pessoas mais experientes de uma casa de mina. Dos rituais fechados do tambor de choro somente os que passaram por processos de iniciação, por ordem de tempo na casa, podem participar. Enquanto o ritual aberto permite a presença de iniciados e não-iniciados. O tambor de choro da chefe da casa é diferente do ritual que se faz para uma filha-de-santo ou para um tocador do terreiro, cada terreiro realiza seu tambor de choro de acordo com suas especificidades diacrônicas e sincrônicas.

O saber ritual constitui o saber social prático, que insere as instituições nos corpos e os habilita a orientar-se em um contexto social, ou seja, na dança, no toque do tambor, nos cantos de adoração o tambor de mina se realiza como experiência religiosa. Assim, no desenrolar do ritual essa comunidade religiosa se mantém e transmite sua tradição cultural.

O Terreiro de São Benedito/Justino se constitui como um universo mágico-religioso específico, as plantas e a natureza são sagradas. Cada árvore é de um encantado, santo ou

orixá. A vida cotidiana da comunidade do terreiro é orientada por esses saberes e conhecimentos transmitidos nas atividades festivas e rituais. Esse aprendizado vai se dando no dia a dia, na troca de experiências, nas interdições rituais e nas relações que se estabelecem nessa comunidade, como tentaremos mostrar aqui com a descrição do tambor de choro de uma das chefes da casa, dona Mundica Estrela, que faleceu em março de 2018.

2. O Terreiro de São Benedito/Justino

O Terreiro de São Benedito/Justino localiza-se na Vila Embratel, em São Luís/MA, e tem um vasto calendário de atividades e festas rituais, que são suspensas a cada vez que morre um membro da casa. O tempo de luto depende da função ritual e do grau de iniciação da pessoa falecida. Quando é a chefe, por exemplo, a casa fica fechada por um ano. Esse terreiro realiza anualmente a Festa de São Sebastião, Festa do Divino Espírito Santo, Festa de São Benedito/Averequete, Festa de São Francisco, Ladainhas, Festa para Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, entre outras atividades rituais como a queimação de palhinhas do Presépio e Bancada de Tobossi.

Maria Venância Viegas, dona Mundica Estrela, era a líder da casa há 37 anos, faleceu nessa atividade aos 90 anos no dia 4 de março de 2018. Mãe Mundica para uns, Vó Mundica para outros, Tia Mundica para vários, já preparava sua partida há tempos. Solicitou que não fosse realizado tambor de choro de corpo presente, mas, pediu uma missa, que foi realizada no terreiro, onde também foi velado o corpo. Essa especificidade remete ao sincretismo do tambor de mina como mostra Sérgio Ferretti (1998), ao indicar e descrever práticas e elementos do catolicismo, transformadas e ressignificadas a partir da ancestralidade africana. No tambor de mina é notável um catolicismo popular afrocentrado a partir de ressignificações e transformações advindas dos terreiros de matriz africana.

A desigualdade e a exclusão marcam histórias de vidas das mulheres e dos homens que circulam no dia a dia de um grupo de tambor de mina. Os infortúnios frequentemente são superados com o apoio de toda a rede de relações que se organiza numa casa de mina, assim, por exemplo, cada um doa o que pode para ajudar o outro. Regra que funciona no cotidiano do terreiro e também na distribuição de doações das festas anuais, cujas atividades são distribuídas a partir das funções rituais que homens e mulheres ocupam na casa.

Em dias de festas ou toques de mina, os homens, proibidos de dançar com entidades no Terreiro de São Benedito/Justino, uma vez que essa função ritual é eminentemente feminina, ocupam-se dos tambores, carregam os utensílios, limpam, capinam. Enquanto

as mulheres preparam a comida ritual, passam roupas, fazem rituais de limpeza das guias rituais, etc. Ambos, homens e mulheres, que se submeterem a diferentes processos de iniciações passam por processos de limpeza, purificação com banhos de ervas e folhas, entre outros preparos rituais para o contato com o mundo dos encantados.

Quando as mulheres estão menstruadas, elas não podem receber entidade. Os encantados não gostam de mulher menstruada, “elas quebram serviço!”, respondeu dona Mundica, quando indaguei algumas vezes. Para as entidades, as mulheres são tão fortes que quando menstruadas, tornam-se uma ameaça aos encantados. “Eles nem chegam perto de mulher menstruada”, disse outra vez dona Mundica, quando cheguei ao terreiro e comentei com ela que estava com cólicas menstruais. Imediatamente, ela pediu que eu sentasse numa cadeira um pouco mais distante dela.

Esse simbolismo evidencia que o corpo de uma mulher, no qual desce um encantado, torna-se objeto sagrado, logo, objeto de interdição no espaço habitado pelos encantados. E, do mesmo modo, o corpo da pesquisadora, no espaço do terreiro e na proximidade com as mulheres que recebem os encantados, é normatizado a partir dessa interdição. Comumente uma mulher menstruada no terreiro de São Benedito/Justino está interdita de receber entidade ou tocar objetos sagrados a serem utilizados no decorrer dos rituais.

É nesse universo simbólico descrito a partir da minha experiência de campo que descrevo o ritual de despedida de uma das líderes religiosas dessa casa – o tambor de choro, que ocorreu no dia 05 de agosto de 2018. Após cinco meses do falecimento de dona Mundica foi realizado o seu tambor de choro, comandado por pai Itaparandy e mãe Iolanda, que se tornou a nova líder do terreiro após a morte de dona Mundica Estrela. Antes dela o terreiro teve 03 chefes, Otávia Enedina; dona Antonia Raposo, e a fundadora, Maria Cristina.

Segundo Wulf (2016), o êxito do ritual depende do bem agir nele. Pode-se afirmar que o bom desempenho do tambor de choro depende dos efeitos posteriores do ritual, que será bem sucedido se o espírito do morto não mais insistir em se fazer presente entre os membros da comunidade religiosa. Alguns terreiros realizam tambor de choro de corpo presente, e realizam outro tambor de choro após o período de quarentena. Outras casas realizam somente de corpo ausente, o que demonstra uma variação na execução desse ritual em cada terreiro de mina.

Os acontecimentos no ritual ocorrem de maneira essencialmente mimética, por meio dos sentidos, dos movimentos do corpo, de uma relação comum com as palavras,

os sons, a língua e a música. Esses elementos estão numa cadeia sincrônica, dada ali, no imediato do ritual. Mas sua repetição e sua existência estão associadas à diacronia, numa temporalidade na qual se situa a história do terreiro. Daí advém uma ordenação ou um acontecimento total, cujas coordenação e regulação dependem de todos os presentes no ritual, mas principalmente das pessoas diretamente envolvidos na sua execução.

O ritual de tambor de choro, como observa Ferretti (2013), foi descrito por diversos autores como Costa Eduardo e Nunes Pereira, essas descrições apresentam semelhanças e diferenças. Assim, é notável uma estrutura ritual que repete determinados símbolos e signos rituais, porém, não significa que existe um único modelo ritual de tambor de choro. Ao contrário, cada casa de mina o realiza a partir de suas especificidades e história.

No tambor de mina, a morte e o luto são tidos “como impureza e perigo”, os voduns não gostam de contato com morte, como afirma Ferretti (2013), e como tantas vezes escutei dona Mundica Estrela afirmar. No Terreiro de São Benedito/Justino, por exemplo, as chefes não costumam ir a velórios e não acompanham corpos até o cemitério. Em decorrência disso, mãe Iolanda participou de todos os rituais fúnebres de dona Mundica, contudo, não foi ao cemitério no dia do seu enterro, como o fizeram as outras filhas-de-santo e tocadores da casa. Mas, foi ela que ao lado de pai Itaparandy, comandou todo o ritual fúnebre.

A descrição do tambor de choro de dona Mundica Estrela, portanto, apresenta elementos rituais que são específicos dessa casa e de outros terreiros a ela ligadas. Nesse aspecto, a presença e a participação dos pais-de-santo Itaparandy e Clemente expressam os laços estruturais que ligam um terreiro a outro e, portanto, influenciam as semelhanças entre os rituais fúnebres realizados nessas casas co-irmãs.

Pai Itaparandy, chefe do Ilê Axé Otá Olé – Terreiro de Mina Pedra de Encantaria, é filho-de-santo de mãe Mundica da Vila Passos, que era filha-de-santo do Terreiro de São Benedito/Justino. O seu terreiro, assim, é tido como neto do Terreiro de São Benedito/Justino, uma vez que ele foi iniciado por uma filha dessa casa. Pai Itaparandy iniciou pai Clemente, do Terreiro Jardim de Encantaria, na Mina; na Cura, pai Clemente foi iniciado por mãe Mundica Estrela, do Terreiro de São Benedito/Justino. A presença e a participação desses dois chefes de terreiros no tambor de choro de dona Mundica Estrela se justificam, então, pelos laços de iniciação que ambos têm com o Terreiro de São Benedito/Justino.

O ritual de choro como ritual de despedida, assim, integra gerações de terreiros, cujas existências, processo de iniciação, participação em festas rituais, vinculam-se a essa

casa matriarcal. A reunião de pelo menos três gerações de terreiros fica evidente com a participação desses pais-de-santo no tambor de choro de Mundica Estrela e no decorrer da execução desse ritual de despedida.

1 Preparando o ritual

O ritual, que não pode ser fotografado ou filmado, foi realizado à noite, o que não é frequente em outros terreiros. Na Casa das Minas, por exemplo, o ritual de choro é realizado à tarde (Ferretti, 2013). Talvez esse horário se imponha a partir da própria história do terreiro, cujos toques começam tarde, entre vinte e três e trinta, meia noite, e terminam ao amanhecer. Os rituais de cura e toque de tambor são fechados já à luz do dia, entre cinco e cinco e meia da manhã, o mesmo ocorreu no tambor de choro de dona Mundica.

O ritual foi realizado no salão onde ocorrem os toques de tambor de mina e teve início às vinte e duas horas. Os preparativos começaram dias antes, com limpeza do quintal, pintura da casa, limpeza do altar, teto, etc. No chão do terreiro e no restante da casa, folhas verdes, de ervas e plantas colhidas no quintal espalhavam-se pelo chão. Os preparativos finais para a abertura do ritual foram iniciados entre vinte e trinta e vinte e uma hora. Quando, então, cobriu-se o chão de terra batido do salão com meaçabas², todas elas juntas fizeram um quadrado no meio do salão. Em cima desse espaço ritual foram colocados um pote³, um abano⁴, uma bacia com água com quatro velas em torno; havia ainda uma vela no canto próximo a entrada, ação comum nos rituais de tambor de mina dessa casa. Ao lado dessa vela, estava o incensário, com o qual se fez uma defumação antes da abertura, e durante o desenrolar do ritual.

Na extremidade direita do quadrado de meaçabas, foram colocadas cadeiras; ao lado delas, na parte que fica na frente do altar foi colocado um banco pequeno e na frente deste, o pote e o abano; esse banco estava destinado à mãe Iolanda; ao seu lado, numa cadeira, estava pai Itaparandy; nas outras cadeiras estavam seus filhos-de-santo. Após essas cadeiras, estavam as filhas-de-santo do Terreiro de São Benedito/Justino; sentadas no chão, na meaçaba elas faziam um círculo que se organizou por ordem de tempo no

² Meaçaba: uma espécie de trançado de folhas verdes da carnaúba tucum; é utilizado para diversos fins no Estado do Maranhã, serve como divisória de porta, para sentar, secar peixes ao sol, etc.

³ Pote: utensílio de cerâmica feita de barro. No Maranhão é um objeto utilizado geralmente para armazenar água.

⁴ Abano: objeto artesanal feito com folhas de uma carnaúba conhecida como tucum, uma espécie de traçado em forma de um triângulo.

terreiro, eram oito filhas-de-santo. E após as filhas-de-santo casa, completava-se e fechava-se o círculo de participantes do ritual com pai Clemente, sentando também na meaçaba, no chão.

À frente de dois tambores estavam sentados dois tocadores da casa, dois tocadores de cabaça estavam posicionados em pé e uma tocadora de ferro sentada próxima aos abatazeiros. Nessa tarefa de tocar ferro, revezavam-se filhas-de-santo da casa ao longo do ritual, como o fazem também em dias de toque de mina. Além dos objetos rituais dispostos nessa estrutura, havia ainda uma cuia, que uma das filhas-de-santo da casa recebia com água que alguém trazia da cozinha e jogava na porta de entrada do salão.

Minutos antes do início do ritual, pai Itaparandy adentrou o salão com três garrafas de aguardente Pitu, colocou-as no chão, ao seu lado, estas se tornariam extremamente importantes no decorrer do ritual. Todos os participantes estavam vestidos de branco, cabeças cobertas com lenços ou chapéus brancos; as mulheres portavam suas guias rituais no pescoço como nos dias de toque de tambor, a assistência também vestia roupas brancas ou cores claras.

A preparação do tambor de choro e os objetos como cuia, incensário, aguardente, roupas brancas são os mesmos utilizados em outros rituais. Enquanto o pote, o abano e as moedas são objetos rituais utilizados especificamente no ritual fúnebre do tambor de choro. As atividades que antecedem o início do ritual compreendem ações que envolvem cálculo, estimativas ou ainda comportamento reflexivo ou rotineiro.

No decorrer do ritual, os atos acontecem através dos sentidos, dos movimentos dos corpos, de uma relação comum a todos com a palavra, os chamados e contra-chamados, sons, gestos. A regulação total do ritual remete a uma anterioridade na qual a imagem de mãe Mundica, por exemplo, está associada às mulheres que chefiaram essa casa e cujas vidas foram dedicadas ao tambor de mina nesse terreiro.

Os rituais repetidos numa casa de mina hoje fazem referência a rituais que já aconteceram, dos quais os protagonistas atuais já participaram ou ouviram falar. Assim, a dimensão histórica constitui uma condição prévia: uma ação ritual implica uma referência a um ritual anterior. Notadamente há variações de uma casa de mina para outra, de um ritual para outro, mas, devido a relação mimética entre o mundo atual e um mundo passado se estabelece uma continuidade histórica que legitima o agir ritual, ele mesmo, em cada terreiro. Como afirma Sérgio Ferretti (2013), não existe um único modelo de tambor de choro e cada terreiro apresenta suas especificidades e variações desse ritual, de

acordo com sua história. O Terreiro de São Benedito/Justino, assim, tem a sua história e especificidade na execução de seus rituais.

2 Descrevendo o ritual

As vinte e duas horas os participantes sentaram em círculo ao redor da meaçaba, pai Itaparandy sentou numa cadeira com a cachaça Pitu nas mãos, ao seu lado num pequeno banco, estava mãe Iolanda com o abano nas mãos e o pote à sua frente. Os filhos-de-santo de pai Itaporandy, sentados em bancos e cadeiras ao seu lado completavam um círculo, que após as cadeiras era formado pelas filhas-de-santo que, sentadas na meaçaba no chão, com as pernas esticadas, davam continuidade ao círculo, que se encerrava com pai Clemente, sentado ao lado de dona Iolanda.

Iniciou-se o ritual com Ibarabô, foram entoadas várias cantigas rituais, cada filha-de-santo do Terreiro de São Benedito/Justino entoava uma música para suas entidades e entidades da casa. Do mesmo modo, o fizeram pai Itaparandy e os membros de sua casa que o acompanhavam no ritual. E assim também o fez pai Clemente, uma de suas filhas-de-santo que o acompanhava, ficou sentada no banco assistindo o ritual.

Como nos dias de festa, o terreiro estava cheio, com filhas-de-santo, tocadores, familiares, vizinhos, entre outras pessoas. As cantigas eram entoadas ao som de tambor, ferro e cabaças. Mãe Iolanda não cessava de bater na “boca do pote” com o abano, enquanto pai Itaparandy cantava, esfregando as mãos e manuseava a garrafa de aguardante. Essas ações rituais contínuas eram interrompidas em dois momentos: 1) para que pai Itaparandy jogasse aguardante dentro do pote; 2) para que todos que quisessem, participantes e assistência, jogassem moedas dentro do pote.

As ações rituais eram acompanhadas de constantes movimentos de uma mesma filha-de-santo da casa, que levantava do círculo onde se passava o ritual, então, alguém da assistência entregava-lhe uma cuia com água, ela caminhava até a porta da rua e jogava a água na frente da casa. Após, ela retornava e entregava a cuia para alguém da assistência e voltava para o lugar onde estava sentada. Todas essas ações rituais eram acompanhadas de um esfregar contínuo de mãos, esse gesto consistia de uma mão deslizando na outra, era feito por todos que estavam no círculo, com exceção de dona Iolanda, que batia na boca do pote com o abano. Pai Itaparandy executava essa ação, mas, frequentemente a interrompia para despejar pequenas porções de aguardante no pote; tocadores dos tambores, cabaças e ferro, com as mãos ocupadas, não faziam esse gesto, algumas pessoas da assistência repetiam essa ação ritual, imitando aqueles que participavam ativamente.

Essas ações rituais se repetiram toda a noite, foram interrompidas por dois intervalos e não se encerraram aí. Estão ligadas a outras ações rituais que se estenderam pela madrugada. Nos intervalos foram servidas duas obrigações, um café, disponível na cozinha para todos os presentes, e uma comida ritual constituída por caruru e bola de arroz, cujo nome como nos informou pai Itaparandy, é Furá Pagão. Essa obrigação foi servida ritualmente, inicialmente foi ofertada às filhas-de-santo da casa, que se posicionaram numa fila pelo tempo que cada uma tem no terreiro; após, foram servidos os tocadores e os pais-de-santo e filhos-de-santo dos outros dois terreiros que participavam do ritual. Depois, pessoas da assistência que quisessem também eram servidas. Essa comida ritual é servida nas mãos, após comê-la, deve-se lavar as mãos numa bacia e enxugá-las numa toalha, que alguém (participante ou assistência) segura, enquanto lembra a proibição de não sacudir as mãos molhadas.

Ao final dos intervalos, que duravam cerca de quarenta a cinquenta minutos, retornava-se ao salão e iniciava-se o mesmo ciclo de ações rituais: mãe Iolanda bate com o abano na boca do pote, Pai Itaparandy canta esfregando as mãos e interrompe essa ação ritual para jogar aguardente no pote, e também para participantes e assistência jogarem moedas. Simultaneamente a essa ação, a filha-de-santo levanta do chão, apanha a cuia com água, se dirige até a porta e joga a água em frente a porta da rua. Essa foi a estrutura ritual que se repetiu até as quatro e meia da manhã.

Entre quatro e quatro e meia da manhã iniciou-se os preparativos de encerramento do ritual. Para isso, os participantes levantaram, cantaram e tocaram, todos em pé; após se digiram em fileiras para a porta do quintal, todos fomos para lá. A frente, pai Itaparandy e mãe Iolanda, que levavam os objetos rituais, o pote quebrado e o abano, para o arborizado quintal do terreiro.

Pai Itaparandy e mãe Iolanda levaram os objetos rituais para o exterior da casa, seguidos pelos outros participantes do ritual; os tocadores a frente, tocando os tambores e cabaça e os outros participantes seguindo-os. Após meia hora ou quarenta minutos de toque, com todos no quintal, foi colocada uma escada para dona Iolanda subir até alcançar o telhado da casa, nele jogou água, falou em voz baixa. Embaixo, segurando a escada e amparando-a, estavam pai Itaparandy, netos e filhos de mãe Iolanda que ocupam também funções rituais no terreiro.

Após esse ritual no quintal, entramos todos novamente para o salão, pai Itaparandy e mãe Iolanda foram para a área externa, na entrada do terreiro. Novamente foi jogada uma cuia de água, os tocadores tocavam os tambores e cabaças, as filhas cantavam. Pai

Itaparandy e dona Iolanda retornaram com os objetos rituais. No sábado, 11 de agosto de 2018, nos informavam algumas pessoas, esses objetos seriam levados ao mar por filhas-de-santo e tocadores para despachar nas águas. Quando retornaram da área externa deuse por encerrado o ritual de choro de dona Mundica Estrela.

As pessoas que participaram do ritual tomaram banho, e as que assistiam também tomaram banho ou lavaram os braços. Após, foi servido um mingau de milho e café. Por fim, as pessoas do terreiro diziam para todos esperarem um pouco, meia hora mais ou menos antes de saírem do terreiro. Em torno de sete horas da manhã, as pessoas começaram a se retirar, uns foram para o trabalho, outros para suas casas.

E, assim, encerrou-se o ritual fúnebre do tambor de choro e o ciclo de vida de dona Mundica como chefe da casa. Após esse ritual ela já não mais está no dia a dia do terreiro. Tornar-se, a partir daí, uma ancestral daquela casa.

Considerações Finais

O presente artigo tentou descrever uma experiência de campo para descrever a liderança feminina no ritual de choro. Acredito que a intenção, ainda que não atingida nesta escrita, é tentar compreender as relações estabelecidas no trabalho de campo a partir de um ritual extra cotidiano, o tambor de choro.

Pode-se afirmar que o tambor de mina como prática ritual é diacronicamente e sincronicamente constituído de processos miméticos, como o são as práticas religiosas rituais. Uma pesquisadora não é imune aos processos miméticos da mina, ao contrário, neles fundamenta suas relações de campo. Portanto, transformar a experiência da mina em escrita etnográfica é uma tentativa de descrever o tambor de choro numa perspectiva de diálogo com teorias ocidentais. E, além disso, nos ajuda também a compreender o próprio mimetismo posto nesses rituais fúnebres, que se associam na medida em que aborda o transcendente ou o real da morte como limite da vida a partir da ancestralidade africana. Nesse sentido, o tambor de choro do Terreiro de São Benedito/Justino, com suas especificidades e histórias, ensina-nos que a transmissão da tradição cultural num grupo de mina tem em si a ancestralidade como forma dessa transmissão.

O tambor de choro encerra um ciclo na casa, com ele se inicia outro momento da história do terreiro, uma nova ordem, uma nova chefia se coloca após esse ritual. De luto por um ano, o terreiro passa por pequenas reformas, mudanças e transformações, que vão sendo feitas aos poucos, com a ajuda de todos. No mês de março, após um ano, o terreiro abre, sai do luto e reinicia seus rituais e festas, como previsto no calendário. Agora, sob a chefia de uma outra mulher. Nesse sentido, o tambor de choro anuncia o fim de um ciclo

e o início de uma nova etapa, simbolizada na figura de mãe Iolanda, cuja história de vida está ligada ao terreiro de São Benedito/Justino deste os seis anos de idade, quando lá chegou com sua mãe, que era filha-de-santo da casa.

Referências

ABREU, Marilande M. *Entrelaçamentos entre simbólico e imaginário: sacrifício ritual e simbolização do feminino*. Revista Ideias, Campinas, IFICH/UNICAMP, 2016, p. 159-180.

_____. *Sacrifício ritual, laços sociais e sexualidade*. 2013. Tese - Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas /IFCH - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/UNICAMP, 2013. (mimeo).

BACHOFFEN, J.J. *El matriarcado: una investigación sobre la ginecocracia en el mundo antiguo segun su naturaleza religiosa y jurídica*. Madri: Ediciones Akal, 1992.

BURKERT, Walter. *Homo necans: rites sacrificiels et mythes de la Grèce ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CREUZER, F. Sileno – *Idea y Validez Del Simbolismo Antiguo*. Madri: Ediciones Del Serbal, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EDUARDO, Octávio da Costa. *The Negro in Northern Brazil*. Londres: J.J. Augustin Publisher, 1948.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina*. São Luís: EDUFMA, 2000.

_____. *A mulher no tambor de mina*. São Paulo: Revista Mandrágora, 1996.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 2013.

_____. *Querebentã de Zomadônu*. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Editora Global, 2005.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Totem e tabu e outros trabalhos*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: LTC Editora S&A, 1989.

HÉRITIER, Françoise. *Masculino e feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

PEIRANO, Mariza (Org.). *O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2001.

_____. *Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance*. Revista Campos, Curitiba, UFPR, 2006.

SANTOS, Maria do Rosário Carvalho. *O Caminho das Matriarcas Jeje-nagô: uma Contribuição para a História da Religião Afro-maranhense*. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2001.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EDUFF, 2008.

VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERGER, Pierre. *Uma Rainha Africana Mãe-de-Santo em São Luís*. Revista USP, São Paulo: EDUSP, 1990, p. 151-158.

CHRISTOPH, Wulf. *Aprendizagem cultural e mimese: jogos, rituais e gestos*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 553-567, jul.-set 2016.